



Distribuição, essa força é nossa!

HOMENAGEM

500 anos de lutas políticas do corretor de seguros

A história da categoria é marcada por reivindicações, que buscam regulamentar adequadamente o setor, permitindo a livre concorrência de mercado e a boa prestação de serviços ao consumidor

POR ELAINE LISBÔA

“A história da nossa corretora de seguros é linda, porque amamos o que fazemos. Tenho 74 anos e meu marido tem 86 anos, e não pretendemos parar”, foi com esse desfecho que Marisa Mansur Gervasio contou, ao lado do marido Gabriel Favero Gervasio, a história da empresa que criaram juntos.

Gabriel Gervasio começou no mercado quando a profissão de corretor de seguros ainda nem chegava a estar regulamentada. Trabalhava em uma seguradora como inspetor e recrutador de “vendedores de seguros”, atraindo pessoas para oferecerem produtos de vida, capitalização e acidentes pessoais.

“Naquela época, visitava as pessoas, ensinava a vender seguros e tudo era desafiador, então, me acostumei com desafios, são eles que forçam a gente a aprimorar serviços, vencer a concorrência e criar maneiras novas para trabalhar”, disse o corretor.

A habilitação da Susep chegou em 1989 e, seis anos depois, começou a trabalhar como corretor de seguros independente, mas Marisa conta que Gervasio enfrentou um sério problema de saúde, ficando impossibilitado de trabalhar por alguns anos. “Como ele já tinha uma carteira de clientes, principalmente de condomínio, fiz o curso de habilitação, aprendi a usar o computador e montei o escritório. Com a ajuda de amigos e profissionais da área, comecei a aumentar a carteira de automóvel e um cliente ia indicando

outro e outro. Era uma loucura: fazia os cálculos, emitia as propostas e entregava pessoalmente”. Alguns anos depois, Gervasio recuperou a saúde e voltou a trabalhar.

Retrospectiva histórica

A função de corretor de seguros foi criada no Brasil por volta de 1560, quando houve a necessidade de resolver conflitos entre mercadores e patrocinadores das grandes navegações. A atividade era meio que vitalícia e hereditária, mas com o desenvolvimento dos cálculos das probabilidades e, posteriormente, atuarial, nos séculos seguintes houve um desenvolvimento dos seguros no País.

Em 1808, o rei de Portugal, Dom João VI, assinou o decreto de abertura dos portos brasileiros ao comércio internacional, impulsionando a economia. Naquele mesmo ano foi criada a primeira sociedade de seguros nacional, a Companhia Boa Fé, na Bahia, e 50 anos depois, foi estabelecido o Código Comercial Brasileiro, que classificou o corretor como agente auxiliar de comércio, podendo intervir nas operações mercantis, mas não sendo obrigatória a sua participação nas negociações de seguros.

Em 1916, foi promulgado o Código Civil Brasileiro, período em que houve forte competição entre corretores de seguros e funcionários de seguradoras na distribuição dos produtos, culminando nas primeiras discussões visando a regulamentação da profissão no País. Os corretores argumentavam que não era justo os agentes de seguros receberem comissões, pois apenas eles não possuíam vínculos empregatícios com as seguradoras, representando de maneira mais adequada os interesses dos consumidores.

“Naquela época, visitava as pessoas, ensinava a vender seguros e tudo era desafiador, então, me acostumei com desafios, são eles que forçam a gente a aprimorar serviços, vencer a concorrência e criar maneiras novas para trabalhar”

Gabriel Favero Gervasio
Corretor de seguros



Todos pensavam que os bancos iriam ocupar o trabalho dos corretores de seguros, mas o mercado era pouco difundido e, com toda a polêmica, a importância do seguro era anunciada em regiões cada vez mais distantes e alcançava o consumidor. No momento que os corretores perceberam isso, acabaram usufruindo dos benefícios e alcançando novos negócios

José Marcelino Ridsen
Presidente da Berkley



Pela regulamentação

O Estado de São Paulo se estabeleceu como a economia mais dinâmica do Brasil e os ramos do seguro se diversificaram. Em 1934, no governo de Getúlio Vargas, os corretores perceberam que isoladamente não iriam sobreviver como profissionais, assim, com apenas 25 pessoas, fundaram o Sincor-SP. Nesse período, seguradoras anunciavam cotidianamente vagas em jornais de grande circulação, estimulando a entrada de novos corretores no mercado. Visavam divulgar os ramos de acidentes pessoais, transportes e incêndio, pois, a maioria dos empresários ainda desconhecia esses produtos. “Em 1945, quando tinha 15 anos, comecei a vender títulos de capitalização. Trabalhei em uma seguradora e fui conquistando espaço, aprendi outros ramos, inclusive automóvel, que era incipiente ainda”, recorda o corretor de seguros, Hélio Opipari, de 89 anos e completamente ativo na carreira profissional.

O Sincor-SP ganhou força com a Constituição de 1946 e deu ênfase na busca pela regulamentação da profissão. O presidente da entidade na época, José Logullo, apresentou substitutivos a projetos de lei que tramitavam no Congresso e fez contatos diretos com o ministro do Trabalho, Almino Affonso, para impedir que pessoas sem qualificação pudessem atuar como corretores de seguros. O deputado baiano Raimundo de Brito também foi um personagem fundamental nesse processo. Ele se colocou na posição de defensor da classe e acompanhou ativamente o andamento da lei. Após idas e vindas ao Congresso Nacional, com a sanção do presidente da República, General Castelo Branco, estava, enfim, regulamentada a profissão no Brasil pela Lei Federal 4.594/1964.

Desafios da ditadura

Nos anos posteriores à regulamentação, o Brasil passou por momentos de intensa agitação social. O Partido Comunista ganhou força nas urnas e nas ruas, e a repressão culminou no golpe de Estado, instituindo a ditadura militar e mais de 20 anos de governo autoritário. O Sincor-SP ficou limitado devido às medidas restritivas impostas e, por isso, os profissionais criaram o Clube dos Corretores de Seguros de São Paulo (CCS-SP), onde passaram a se reunir para defender os interesses da classe.

“A história de fundação do CCS-SP é uma das mais bonitas e importantes na trajetória da categoria. O Clube teve uma tentativa de fundação em pleno auge da ditadura. Entre 1964 e 1971, o governo decretou intervenção em 573 sindicatos, federações e confederações, e o Clube surgiu como um alento”, comenta o mentor do CCS-SP, Evaldir Barboza de Paula. Segundo ele, o papel da entidade foi fundamental em diversos pleitos dos corretores, como na proliferação dos prepostos e no combate à venda direta pelas seguradoras e os bancos. “Graças ao empenho do Clube, a concessão automática da carteira de habilitação de corretores de seguros a prepostos foi suspensa e, durante quase duas décadas, o Clube combateu ao lado do Sincor-SP a presença dos bancos na atividade”.

Luta contra os bancos

Após duas décadas de ditadura, o Brasil elegeu, em 1985, um presidente civil. Anos depois, o Plano Real estabilizou a moeda e o País entrou em um processo de prosperidade econômica e consequente crescimento do mercado de seguros. Com a elaboração da Constituição, uma nova luta política foi travada pelos corretores de seguros: os bancos ganharam ainda mais força na atuação em seguros.

Com o slogan “Banco é banco, seguro é seguro, corretor é corretor!”, a campanha da categoria teve desdobramentos no Congresso Nacional. “Nós queríamos os bancos fora do seguro e agitamos Brasília. Fizemos um auê danado, espalhamos nossas faixas, fizemos exposição de pedidos políticos, distribuimos folhetos...”, conta o corretor de seguros e atual ouvidor do Sincor-SP, Octavio Milliet, que também foi presidente do Sindicato, da Fenacor e da Escola Nacional de Seguros.

O presidente da Berkley, José Marcelino Ridsen, recorda que, “em um primeiro momento, foi algo terrível. Todos pensavam que os bancos iriam ocupar o trabalho dos corretores de seguros, mas o mercado era pouco difundido e, com toda a polêmica, a importância do seguro era anunciada em regiões cada vez mais distantes e alcançava o consumidor. No momento em que os corretores perceberam isso, acabaram usufruindo dos benefícios e alcançando novos negócios”.

“Teve um ano que a gente pensou que a atividade de corretor ia acabar”, conta o corretor Gervasio, “porque as seguradoras estavam vendendo sozinhas e os bancos ganhavam força, mas, pelo contrário, o seguro foi muito divulgado e começamos a vender cada vez mais”.

O Sincor-SP aplicou diversas ações de marketing para tornar a figura do corretor de seguros conhecida da população, inserindo a categoria em grandes novelas e programas da Rede Globo. Nesse período, o destaque ficou com a gestão de Leoncio de Arruda na presidência do Sincor-SP, que transformou a entidade e investiu na divulgação da categoria [confira matéria de homenagem na pág. 18].



Creio que quem entra no ramo agora não consegue imaginar o que era ser corretor naquela época. Tínhamos apenas o IRB e as seguradoras operavam como agências dele [...] Quem tinha conhecimento técnico e reconhecimento do mercado levava grande vantagem. Nós montávamos seguros especiais, novos critérios de taxação e redigíamos cláusulas

Nelson Fontana
Corretor de seguros e diretor do Sincor-SP





A vitória do Simples Nacional não foi apenas um ganho para a categoria, mas para o Brasil como um todo, uma vez que construímos um cenário de negócios mais favorável, com maior capacidade de gerar empregos, renda e desenvolvimento

Alexandre Camillo
Presidente licenciado do Sincor-SP



Abertura do mercado

A história do setor foi marcada também pelo monopólio do Instituto de Resseguros do Brasil (IRB), que durante quase 70 anos possuiu o poder legal de interferir em todos os sinistros do País, estabelecendo as tarifas obrigatórias e fiscalizando a atuação das seguradoras. “Creio que quem entra no ramo agora não consegue imaginar o que era ser corretor naquela época”, diz Nelson Martins Fontana, corretor de seguros e diretor do Sincor-SP. “Tínhamos apenas o IRB e as seguradoras operavam como agências dele. Quem desenhava e taxava os seguros era o IRB. Nosso desafio era nos diferenciar da concorrência. Quem tinha conhecimento técnico e reconhecimento do mercado levava grande vantagem. Nós montávamos seguros especiais, novos critérios de taxaço e redigíamos cláusulas”, recorda.

A situação mudou apenas em 2007, com a Lei Complementar 126, que colocou fim no monopólio. “Com a abertura do mercado de resseguros, nos deparamos com muitas fusões e aquisições, inclusive entre as corretoras de seguros, transformando os negócios e permitindo um crescimento e amadurecimento considerável do setor”, destaca Risden, presidente da Berkley.

Pelo Simples Nacional

Os anos passam, mas os desafios para os corretores de seguros continuam surgindo. A batalha agora era pelo crescimento da categoria, pela transformação de pessoas físicas em jurídicas, mas a carga tributária era um grande empecilho nesse objetivo. A categoria começa a tentar inclusão no Simples Nacional, um regime tributário simplificado, com menores custos para os profissionais saírem do formato autônomo e investirem na abertura de empresas. A primeira tentativa de inclusão no regime foi em 2002, mas a proposta foi vetada pela Presidência da República.

A atuação da Fenacor e dos Sincors foi intensificada. O então presidente da Fenacor, Armando Vergílio, passa a comandar uma Comissão Especial na Câmara dos Deputados, permitindo a elaboração de novas propostas, que resultaram na aprovação da Lei Complementar 147, no dia 7 de agosto de 2015. Segundo o presidente licenciado do Sincor-SP, Alexandre Camillo, a aprovação foi o resultado da mobilização dos corretores em todo o País. “A vitória do Simples Nacional não foi apenas um ganho para a categoria, mas para o Brasil como um todo, uma vez que construímos um cenário de negócios mais favorável, com maior capacidade de gerar empregos, renda e desenvolvimento”, aponta Camillo.

A corretora de seguros, Marisa Mansur Gervasio, que abriu esta reportagem, conta que há muitos anos via a necessidade de transformar o negócio dela e do marido em pessoa jurídica, mas os custos eram muito altos. “Precisávamos abrir a empresa para conseguir competir e adquirir benefícios, mas ficamos com medo devido aos impostos. Quando aprovaram o Simples, decidi fazer um curso de empreendedorismo, que o Sincor-SP promoveu em parceria com o Sebrae, e abrimos nossa empresa corretora de seguros”.

Novos desafios

E os corretores não param de buscar melhorias para a atividade. Os desafios que surgem na atualidade estão relacionados às novas tecnologias, com a venda de seguros pela internet e a chegada de produtos sem a devida regulamentação, caso da proteção veicular [veja matéria sobre o assunto no JCS de setembro, edição 444, pág. 21].

Os Sincors e a Fenacor vêm participando ativamente de audiências públicas na Câmara dos Deputados para debater o assunto e cobrar uma legislação efetiva das novas práticas, que têm fomentado concorrência desleal no mercado de seguros. Segundo o deputado federal e corretor de seguros, Lucas Vergílio, o objetivo é “buscar esclarecimentos em relação a essas



1964

Corretores de seguros na época em que a lei de regulamentação da profissão foi votada. Na foto, José Logullo, presidente do Sincor-SP, Cristóvão de Moura, presidente do Sincor-RJ, e Raimundo de Brito, deputado



1972

Criação do Clube dos Corretores de Seguros de São Paulo para defesa e discussão dos interesses da categoria em período de ditadura militar



1988

Corretores na Assembleia Constituinte, que aconteceu no Congresso Nacional, em Brasília, fazendo manifestação contra venda de seguros pelos bancos

práticas predatórias, que, pela forma de comunicação e propaganda empregada, podem iludir o consumidor ao dizer que o corretor de seguros não é necessário”.

O presidente da Tokio Marine Seguradora, José Adalberto Ferrara, alerta que, no Brasil, as seguradoras são instituições reguladas pela Susep e são obrigadas a seguir critérios técnicos para oferta de seguros. “Infelizmente, o que temos notado é o surgimento de ‘alternativas’ que, em um primeiro momento, parecem mais acessíveis, principalmente em época de dificuldade econômica. O problema grave é que essas empresas não são regulamentadas pelo mercado e os consumidores recorrem a elas para manter a sensação de proteção”.

Mesmo com os desafios que surgem, o mercado é otimista. A história revela a vitória da categoria em cada fase, transformando as dificuldades em oportunidades de amadurecimento e crescimento profissional. O corretor de seguros Junior Milanezi, sucessor na empresa fundada pelo pai, Antonio Camilo Milanezi, enxerga oportunidades no setor. “Apesar da disrupção do mercado ser uma tendência através da tecnologia e dos novos tipos de negócios, acredito que o relacionamento é primordial para estabelecermos confiança. Por isso, temos implantado melhorias contínuas, otimização de processos operacionais e novas formas de comunicação com o cliente”.

A Porto Seguro também encara as mudanças como oportunidade na melhoria dos processos e oferta de produtos. O diretor geral da companhia, Rivaldo Leite, explica que a inovação é uma questão prioritária. “Estamos sempre buscando novas formas de fazer negócio e de nos relacionarmos com o nosso principal canal de vendas, os corretores. Mesmo com o surgimento de novas tecnologias, o papel do corretor segue fundamental, para um contato humanizado e especializado com os clientes, e o mercado de seguros tem ainda um grande espaço para crescer nos próximos anos”.

Oipari completa que os desafios sempre trouxeram para o mercado uma série de melhorias, por isso, para

o sucesso, basta estar preparado. “Com mais de 70 anos no mercado de seguros, sempre trabalhei com corretores. A profissão não vai acabar nunca, desde que se prepare, trabalhe e enfrente os desafios. Nosso setor vai bem, cumpre metas e podemos nos dar por felizes”, afirma o corretor.

Diante de toda essa trajetória, Nelson Fontana defende a importância das entidades sindicais para que os desafios sejam vencidos em favor dos corretores de seguros. “Sou, hoje, um dos sindicalistas mais antigos em atividade no Brasil. São mais de 30 anos de dedicação ao Sincor-SP e nossa representação sindical é necessária para lutas com o governo e, também, para que as seguradoras nos respeitem. Cada vez mais as empresas querem um corretor cativo, um agente, um vendedor dos produtos delas, mas somos consultores de nossos clientes”.

A opinião é reafirmada pelo presidente do Sincor-SP, Boris Ber. “As entidades sindicais são fundamentais para dar ‘voz’ às categorias profissionais. Não conseguimos vencer os desafios estando isolados, por maior que seja a nossa empresa. Estivemos unidos no passado, estamos unidos no presente e o futuro nos aguarda, com novas metas a serem alcançadas. Por isso, o mote dos corretores hoje é ‘Distribuição de seguros: essa força é nossa!”, conclui.



As entidades sindicais são fundamentais para dar ‘voz’ às categorias profissionais. Não conseguimos vencer os desafios estando isolados, por maior que seja a nossa empresa. Estivemos unidos no passado, estamos unidos no presente e o futuro nos aguarda, com novas metas a serem alcançadas. Por isso, o mote dos corretores hoje é ‘Distribuição de seguros: essa força é nossa’

Boris Ber
Presidente do Sincor-SP



1996

Sincor-SP investe na divulgação da categoria, com o programa Minuto Seguro, apresentado pelo ator Tony Ramos, e inserções da figura do corretor em novelas da Rede Globo, como O Rei do Gado, Torre de Babel e Terra Nostra



2015

Profissionais no Palácio do Planalto, durante cerimônia que incluiu as empresas corretoras de seguros no Simples Nacional



2017

Corretores de seguros na Câmara dos Deputados em combate à venda irregular de seguros pela internet